

REFLEXÕES A RESPEITO DA ADOLESCÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Mayse Cosmo da Silva

Universidade Católica de Pernambuco, maysesilva93@gmail.com

Resumo: Uma das fases mais complexas do desenvolvimento humano é a adolescência, com suas transformações, crises e conflitos. Muitas vezes, nesta fase, é possível que algumas escolas e professores sejam vistos como inimigos pelos adolescentes, pois esses jovens podem encará-los simplesmente como algo desagradável, ou algo que precisa ser feito/frequentado. Por esta razão, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre a importância de os professores dos Ensinos Fundamental e Médio conhecerem e compreenderem a adolescência como um processo de transformações enfrentadas pelos indivíduos nesta fase. Para tal, buscamos nos basear em Brasil, Gutierrez, Levisky, dentre outros. A metodologia empregada foi a qualitativa de caráter bibliográfico. Os resultados nos mostram a importância dessa compreensão para estabelecer uma boa relação aluno-professor, que facilita a didática do educador em sala de aula, servindo de auxílio para a aprendizagem dos jovens.

Palavras-chaves: educação, ensino, adolescência.

Introdução

Um dos ideais proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) é rever os papéis do aluno e do professor, tendo como lema o respeito às necessidades individuais e o trabalho cooperativo em concordância com as ideias de Vygotsky. É um dos grandes desafios para os professores hoje é encarar salas de aula repletas de adolescentes, cada um com sua história, suas particularidades comportamentais e características diferentes.

A adolescência, de modo geral, é marcada por conflitos que atingem diversos níveis do desenvolvimento do indivíduo, e isso inclui o desenvolvimento cognitivo também. Levisky (1998) fala que nessa fase, o indivíduo possui capacidade de ampliar seu campo de conhecimento. Ele desenvolve um raciocínio pautado em hipóteses, ou seja, gosta de indagar, questionar, investigar. Ele aprende a pensar independente, mas ao mesmo passo tem dúvidas e desconfianças.

As dificuldades que os professores enfrentam são bem notáveis e são muitas, como

indisciplina, violência e muitas outras que levam ao fracasso escolar (GUTIERRA, 2003). “A escola tem perdido cada vez mais o lugar respeitabilidade que possuía no passado.” (GUTIERRA, 2003, p. 21). É por isso que todo corpo escolar, em especial o educador, precisa saber como lidar com esses alunos, de modo que a educação surta efeitos positivos. E, para atingir bons resultados no processo de ensino-aprendizagem faz-se necessário alguns saberes, não apenas do que será ministrado em sala de aula, mas de que forma será transmitido e conhecer seus discentes torna-se algo indispensável para uma boa prática educacional. Como ressalta Gutierrez (2003), a importância de o educador atentar para os aspectos subjetivos presentes na educação para adolescentes é, por muitas vezes, mais relevante do que se tornarem especialistas em determinada disciplina, pois de nada vale o conhecimento se este não puder ser transmitido ao aluno.

Compreendendo a adolescência

Segundo Levisky (1998), a adolescência é um processo de desenvolvimento biopsicossocial que marca a transição da infância para a fase adulta, período que vai dos 12 aos 18 anos de idade, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Wigfield e Tonks (2002 apud CAVENAGHI; BZUNECK, 2009) afirmam que:

[a adolescência] é um tempo em que ocorrem muitas mudanças: as biológicas associadas à puberdade, as sociais e educacionais resultantes da transição nas séries escolares e, mudanças na relação com a família e amigos. Essas mudanças têm impacto significativo na variedade de resultados desenvolvimentais, pois mesmo que muitas crianças passem por essas mudanças facilmente, outras têm dificuldade e com isso vem o risco para vários resultados negativos (p. 1480).

Levisky (1998) afirma que essa fase é um marco fundamental no desenvolvimento, é a busca por si mesmo, e conforme Erikson (1976), na medida que os avanços tecnológicos vão se ampliando, a adolescência se torna um período mais acentuado e consciente. E “com essas mudanças surge para o professor o desafio de motivar o adolescente moderno a se engajar nas atividades escolares.” (CAVENAGHI; BZUNECK, 2009, p. 1479).

No livro *Identidade, Juventude e Crise*, Erikson (1976) fala sobre a crise de identidade na adolescência, afirmando que essa fase se torna complexa devido à grande quantidade de conflitos que o jovem precisa enfrentar, pois ele se vê diante de muitas possibilidades e mudanças. Ele precisa ter condições de cuidar de seu próprio destino, além de encarar conflitos políticos, filosóficos, religiosos, econômicos, sociais.

Em qualquer contexto sociocultural a adolescência sempre será um período de crise, que se deve tanto às mudanças fisiológicas, quanto as psicológicas, e o que vai diferir um indivíduo de outro é como a crise se expressa, sua intensidade e a solução que lhe é dada. Há também, por parte da sociedade, uma certa expectativa de que o adolescente se comporte como adulto, mesmo sabendo que ele ainda não o é.

Espera-se que ele possua maturidade, responsabilidade, autodeterminação, e outros critérios definidos pela sociedade como fundamentais para que um indivíduo seja inserido na sociedade adulta. Espera-se que ele saiba controlar tanto seus impulsos sexuais quanto seus impulsos agressivos, numa fase em que o indivíduo não está totalmente apto para tal. Ainda a respeito dos conflitos enfrentados na adolescência Cavenaghi e Bzuneck (2009) dizem que:

O jovem de hoje parece viver em constante conflito de interesses, seduzido por uma infinidade de atrativos da sociedade moderna e, em suas prioridades, muitas vezes, acabam por prevalecer outros interesses sociais, como o direcionamento de sua atenção aos amigos em que esta relação que há menos orientação e controle dos adultos passa a ter grande importância e intensidade em sua vida, diminuindo o interesse pelas atividades acadêmicas (p. 1479 – 1480).

Quando o jovem se sente incapacitado de assumir um padrão que lhe é imposto pela sociedade, é comum que surjam episódios psicóticos, como abandono da escola, do trabalho ou até mesmo retração a estados de espírito em que se tornam inacessíveis. A sociedade de modo geral tende a estigmatizá-los por meio de juízos que não levam em conta as condições dessa fase, tende a marginalizar certas condutas do adolescente (ERIKSON, 1976). Para Anna Freud (1973), mais importante do que a forma como o adolescente se comporta em casa ou na escola, deve-se levar em conta que tipo de desenvolvimento é mais satisfatório para que esse indivíduo possa atingir uma vida adulta adequada.

Nessa fase, o jovem já se vê com a obrigação de escolher uma carreira profissional, o que acarreta mais um conflito. Erikson (1976) afirma que o sujeito deseja fazer algo funcionar e de forma correta. Logo, na adolescência, a questão da escolha da profissão tem um significado maior do que simplesmente remuneração e *status*. É fundamental que o adolescente seja orientado a se conhecer e a conhecer vários setores profissionais que lhe deem possibilidades, pois nessa fase o jovem está perdido em si mesmo, pouco conhece suas aptidões. Seu contato com os diferentes âmbitos de trabalho é restrito e a escolha de uma profissão pode ser um processo muito angustiante. Para uns, essa escolha vem de uma tradição familiar; para outros, dependerá da sua situação socioeconômica e/ou cultural. Pode

também estar ligada a fantasias inconscientes, a idealizações e a *status* social. (LEVISKY, 1998)

Erikson (1976) diz que, de forma geral, é a incapacidade para decidir uma identidade ocupacional o que mais perturba os jovens, e que, no âmbito social, não existe sentimento vivencial sem um sentimento de identidade. E o efeito dessa ideologia social torna o adolescente ansioso por ser afirmado por seus pares, confirmado por seus professores e inspirado em modos de vida que considera valer a pena ser vividos.

Nessa última afirmação de Erikson, é possível perceber que o educador desempenha um papel de importância para o adolescente. A esse mesmo respeito, Gutierrez (2003) diz que educar adolescentes tem sido considerado algo impossível, embora ainda haja mestres capazes de cumprir essa tarefa.

O educador para adolescentes

De acordo com o dicionário Michaelis, educador é “que ou aquele que educa”, então, para sabermos o que é ser um educador, faz-se necessário primeiro saber o que é educar. Gikovate responde a essa pergunta dizendo que:

[educar] Corresponde à tarefa de transmitir a cada nova geração os usos e costumes de cada comunidade, além de tentar transferir o conjunto de valores que prezamos. [...] A tarefa de contribuir para a adequada constituição do modo de pensar de cada criança, condição necessária para que ela possa vir a ser uma criatura mais feliz e um membro construtivo de sua comunidade (2001, p. 21).

Educar vai além de transmitir saberes, e para Freire:

“É preciso, sobretudo, [...] que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (2002, p. 12).

Tendo ciência do que é educar, entende-se que para desempenhar essa tarefa dentro do ambiente escolar, faz-se necessária a figura do educador. “Dentre todos os personagens que integram uma instituição educacional, o professor desempenha o papel principal. Cabe-lhe a tarefa de se apresentar várias horas por dia perante uma ou mais plateias heterogêneas e nada fáceis de cativar” (GIKOVATE 2001, p. 73).

Gutierrez traz algumas reflexões a respeito do papel do professor, reforçando o que foi

anteriormente citado por Freire: em relação a formação, Gutierrez diz que “o ‘bom professor’ pensa no fazer, tende a refletir sobre sua ação. Ele demonstra investir em seu ofício buscando atualizações contínuas, conseguindo integrar o saber teórico, saber fazer e saber ser” (2003, p. 93).

Ela diz ainda que o ‘bom professor’ não é aquele que possui competências instrumentais que são utilizadas assegurando-se apenas da técnica (2003). Afirma também que o “bom professor” “abre espaço para a construção de saber do aluno pelo esvaziamento do lugar de mestre absoluto.” (2003, p. 95) e diz que ele é aquele professor “cujo desejo de mestre produz desejo de mestre no aluno. Não um desejo de ser professor como profissão, mas de construir com sua própria linguagem um saber, ser mestre desse saber.” (2003, p.96)

Em termos gerais, educar não é uma tarefa fácil e educar adolescentes torna-se uma tarefa ainda mais árdua. Gutierrez (2003) diz que há vários “impossíveis” na missão de educar adolescentes. O primeiro “impossível” é estrutural, pois muitas vezes o educador depara-se com resultados insatisfatórios, mesmo que ele busque domínio e controle dos resultados. Isso acontece porque o que um aluno escuta será assimilado conforme o seu inconsciente permite. A mente faz recortes daquilo que ouve, apenas uma parte será absorvida. Isso significa que conseguir a perfeição é uma tarefa quase que inatingível e se a educação for encarada e exercida como uma simples profissão, certamente haverá o fracasso, pois, educar deve partir de um desejo.

Outra problemática apresentada pela autora se dá pelo fato de o adolescente estar passando por uma fase de conflitos, como já foi mencionado anteriormente, em que tendem a projetar nos adultos a figura dos pais, que lhes impõem limites, então é comum que o adolescente transfira para o professor essa “frustração” com o mundo adulto. Cabe ao professor saber lidar com esse conflito, mostrando-se como alguém que está ali para contribuir.

O terceiro e último “impossível” mencionado por Gutierrez (2003) é o de ordem social. A escola e os professores possuem a missão de transmitir ideais, porém estão diante de uma adolescência, onde as tradições e valores transformam-se de forma radical. Os adolescentes da atualidade têm como referência ideais que pregam a satisfação própria, a realização imediata: é a geração do “aqui e agora”. E Kupfer complementa essa ideia dizendo que “o professor brasileiro não encontra mais uma rede de sustentação social e simbólica para o exercício de

sua missão” (2000, p. 146). Em outras palavras, os adolescentes contemporâneos, por viverem esse ideal quase que narcisístico, tendem a tornar complicado o processo de educação.

Além dos três “impossíveis” mencionados anteriormente, temos a questão motivacional, como aponta Bzuneck (2009 apud CAVENAGHI; BZUNECK, 2009, p. 1482):

“professores reclamam da falta de interesse dos alunos nessa idade. Ressaltam que os estudantes não cumprem as tarefas em classe nem em casa, mesmo que valham nota, que relutam para começar uma atividade, que se distraem facilmente, que não respondem às perguntas ou simplesmente dizem: “não sei”. Alguns chegam a ser desordeiros, enfrentando a professora, outros se escondem ou dormem. Alguns vão para a escola só para ver os amigos”

Erikson (1976), aponta vários fatores que podem ser responsáveis por estes comportamentos nos adolescentes: eles se preocupam com o que os colegas pensam, têm medo se sentirem exposto ao ridículo em determinadas atividades e gostam quando estimulam sua autonomia e independência, pois assim se sentem triunfantes. Logo, percebe-se que não é fácil agradar aos adolescentes e atender suas demandas.

Gutierra (2003) defende que, mesmo havendo esses “impossíveis” na missão de educar adolescentes, existem professores que são capazes de desempenhar bem essa tarefa, apesar do declínio na educação brasileira, apesar de a escola ter perdido o papel de respeitabilidade e a autoridade do professor quase não existir mais. Ainda assim, esses educadores conseguem estabelecer uma boa relação com seus alunos, conseguem ensinar e serem ouvidos pelos adolescentes.

O Livro de Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCNs, diz que “os alunos se mostram muito sensíveis à qualidade da relação com os professores” (BRASIL, 1998, p. 124). Ou seja, é importante que o professor saiba estabelecer uma boa relação com os alunos, mesmo lidando com tantos impossíveis e com tantas personalidades diferentes. E complementa afirmando que o docente precisa continuamente refletir sobre sua prática educativa, sempre tomando consciência de seus avanços, dificuldades e possibilidades na sala de aula. (BRASIL, 1998)

Ainda no Livro de Introdução aos PCNs (BRASIL, 1998) vemos que a educação escolar deve ser de ajuda intencional, levando em conta as individualidades dos alunos. Gikovate diz que “alguns têm grande facilidade para incorporar os valores que desejamos transmitir, outros são mais refratários e sobre eles temos também de tentar interferir” (2001, p.

21 - 22). Sendo assim, uma das maneiras de atingir melhorias no processo de ensino-aprendizagem, é fazer com que “os alunos possam se engajar nas atividades escolares, mesmo que eles não considerem tais atividades prazerosas, mas que possam abraçá-la com seriedade, esforçando-se para alcançar os benefícios que a aprendizagem proporciona” (CAVENAGHI; BZUNECK, 2009, p. 1486).

É importante levar em conta também que “durante essa idade de exploração da identidade, [os adolescentes] querem oportunidade para tomar decisões na sala de aula e conectar o que está sendo aprendido com interesses pessoais e experiências.” (ECCLES; MIDGLEY, 1989 apud CAVENAGHI; BZUNECK, 2009)

Considerações finais

Educar, apesar de ser uma tarefa árdua e muitas vezes subestimada, é de fundamental importância para a formação de um indivíduo. Educar adolescentes, mesmo sendo uma tarefa ainda mais difícil, por conta dos conflitos enfrentados nessa fase, que irão interferir de forma direta tanto no desenvolvimento, quanto no relacionamento do adolescente com o mundo, e isso inclui a escola e o professor, é uma missão possível.

Se o educador é capaz de compreender tal processo como natural e necessário, encontrará meios de lidar com seus alunos e com a rebeldia e falta de interesse que comumente surgem nesta fase. É necessário que o professor procure desenvolver meios de se aproximar dos alunos, buscando sempre interagir com os mesmos, sempre respeitando a individualidade de cada um, como já mencionado anteriormente. Assim se mostrará como alguém que faz parte do mundo do adolescente, e que está ali para contribuir com a sua formação.

Não é possível se atingir a perfeição no âmbito educacional, mas não é por isso que a educação de adolescentes deva ser tratada como algo inalcançável. É preciso compreender que nem todos irão adquirir o conhecimento da mesma forma, porém o mais importante é saber que algo eles irão levar consigo, e que o educador consiga ser capaz não apenas de inculcar conteúdos, mas auxiliá-los na sua construção de mundo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13

de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/18069.htm> Acesso em: 14 ago. 2018

BRASIL. *Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: Ministério da Educação, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>> Acesso em: 14 ago. 2018

CAVENAGHI, Ana Raquel Abelha; BZUNECK, José Aloyseo. *A motivação de alunos adolescentes enquanto desafio na formação do professor*. In: Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, 9., 2009, Paraná. Anais eletrônicos. PUCPR, 2009. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/1968_1189.pdf> Acesso em 16 ago. 2018

EDUCADOR In: Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=educador> Acesso em: 16 ago. 2018

ERIKSON, Erik H. *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002 25ed. Disponível em: <http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4-%20Freire_P_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf> Acesso em: 16 ago. 2018

FREUD, Anna. *Psicanálise para pedagogos*. Santos, SP: Martins Fontes, 1973.

GIKOVATE, Flávio. *A arte de educar*. São Paulo: MG Editores, 2001.

GUTIERRA, Beatriz Cauduro Cruz. *Adolescência, psicanálise e educação: o mestre possível de adolescentes*. São Paulo: AVERCAMP, 2003.

KUPFER, Maria Cristina Machado. *Educação para o futuro: psicanálise e educação*. São Paulo: Escuta, 2000.

LEVISKY, David Léo. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.